

OS SONHOS NAS DIFERENTES ABORDAGENS PSICOLÓGICAS: APONTAMENTOS PARA A PRÁTICA PSICOTERÁPICA

Thaís Kristine Milhorim

Karin A. Casarini

Fabio Scorsolini-Comin

Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Brasil

RESUMO

A análise dos sonhos está presente como tema de interesse desde a Antiguidade, dentro e fora da Psicologia. O objetivo deste estudo é apresentar uma revisão integrativa da literatura científica nacional a respeito do tema. Por meio de uma seleção sistemática nas bases LILACS, SciELO e PePSIC, entre 2001 e 2011, foram recuperados oito artigos. Constata-se, de forma geral, a pequena quantidade de estudos destinados especificamente ao tema. Destaca-se neles a concepção defendida por cada abordagem psicológica acerca da causalidade, função e uso do sonho dentro da prática psicoterápica. Discorre-se, posteriormente, sobre semelhanças e diferenças entre as diferentes formas de compreender os sonhos. Evidencia-se a grande divergência em relação aos pressupostos de cada abordagem, não sendo encontrados exercícios no sentido de uma leitura integradora ou problematizadora.

Palavras-chave: sonho; análise dos sonhos; relato do sonho; técnicas psicoterapêuticas.

THE DREAMS IN DIFFERENT PSYCHOLOGICAL APPROACHES: NOTES FOR PSYCHOTHERAPY PRACTICE

ABSTRACT

Dream analysis is subject of interest since Antiquity, inside and outside the Psychology field. The aim of this study is to present a national integrative literature review concerning the theme. Through a systematic selection in LILACS, SciELO e PePSIC, between 2001 and 2011, eight articles were retrieved. There is, in general, a small number of studies aimed specifically at the subject. Among them, ideas defended by each psychological practice are presented. They concern causality, function of dreams and dream work in psychotherapeutic practice. In addition, similitudes and differences are discussed in different perspectives of understanding dreams. It has been made evident that the subject is controversial amongst them. Efforts in order to build and integrative or questioning paper were not found.

Key words: dreaming; dream analysis; dream recall; psychotherapeutic techniques.

LOS SUEÑOS EN LOS DIFERENTES ABORDAJES PSICOLÓGICOS: NOTAS PARA LA PRÁCTICA DE LA PSICOTERAPIA

RESUMEN

El análisis de los sueños esta presente como un tema de interés desde la antigüedad, dentro y fuera de la Psicología. El objetivo de este estudio es presentar una revisión integral de la literatura científica nacional al respecto del tema. Por medio de una selección sistemática de las bases de datos LILACS, SciELO y PePSIC, entre 2001 y 2011, fueron recuperados ocho artículos. De manera general se comprueba la pequeña cantidad de estudios destinados específicamente al tema. Se destaca en ellos el concepto defendido en cada abordaje psicológico a cerca de las causalidades, funciones y usos de los sueños dentro de la práctica psicoterapéutica. Se relata posteriormente, las semejanzas y diferencias entre las diferentes formas de comprender los sueños. Es evidente la gran divergencia en relación a los principios de cada abordaje, no siendo encontrados ejercicios referentes a una lectura integradora o problematizada.

Palabras claves: sueño; análisis de los sueños; relato de los sueños; técnicas psicoterapéuticas.

O sonho é uma caverna de águas e ventos. Se estiver dentro de mim, pode empurrar-me. Ao acordar, eu sou maior que ela. Ao deitar, me domina.

(Carlos Nejar, 1998).

Um sonho, ao se compor de simples imagens ou de narrativas enigmáticas, pode remeter a situações triviais do cotidiano, assim como também a contextos totalmente confusos ou surreais (Krippner, 1990). O ato de sonhar, com suas características únicas, é um assunto que permeia uma série de reflexões e análises no decorrer da História, sempre acompanhado de uma série de questionamentos e poucas respostas indubitáveis. O que sempre se soube, na verdade, é que sonhar é uma experiência poderosa e generalizada, em todos os tempos (Junior-Adams, 1987), e talvez por isso o assunto seja sempre alvo de interesse tanto para o senso comum, como para os mais diversos estudos filosóficos e pesquisas científicas (Almeida, 2009; Homrich, 2008; Maduenho, 2010).

As dúvidas sobre tal fenômeno se concentram, de forma geral, sobre o que de fato eles são, qual sua origem, função e, principalmente, qual o seu significado na vida cotidiana do sonhador. O desejo de dar significado e interpretar os sonhos, desse modo, é algo que rompe barreiras culturais. A variedade de respostas para esses questionamentos reflete, antes de tudo, os valores e estruturas sociais e psicológicas de diferentes culturas, no decorrer dos séculos (Junior-Adams, 1987). As primeiras tentativas de interpretá-los atribuíam seus significados, de modo geral, a algo escondido por baixo de camadas de simbolismo e metáforas.

No decorrer dos séculos, entretanto, o sonho perdeu seu caráter essencialmente divino e passou a ser analisado por meio de concepções filosóficas. Aristóteles, por exemplo, atribuía a formação e significação dos fenômenos oníricos por meio de

caminhos mais naturais – como os sentidos – do que aos transcendentais (Webb, 1990). O filósofo afirmava que os sonhos ampliam pequenos estímulos que surgem durante o sono e, a partir dessa circunstância, os primeiros sinais de alguma alteração corporal que não tenha se observado em vigília poderiam ser revelados (Freud, 1900). As crenças sobre os fenômenos oníricos começaram a se basear nas incipientes concepções formuladas sobre a sua possibilidade de denotar algum significado que não sobrenatural, mas sim do próprio homem e sua relação consigo mesmo e com o meio externo.

Em meados do século XIX, a problemática dos sonhos ganha ainda mais destaque – e controvérsias. Os sonhos já não eram vistos como frutos de uma manifestação divina, contudo, as explicações dos filósofos também não eram suficientes para abarcar a demanda científica de validação de um conhecimento. O fenômeno do sonho, desse modo, ao se distanciar cada vez mais do caráter transcendental e metafísico que antes lhe era atribuído, ganha outro significado. Esse processo de afastamento está intrinsecamente ligado ao crescente advento da Modernidade, e da maior visão de que o homem é um ser capaz de apreender, de forma plena, a realidade em que está inserido. O fenômeno onírico se torna, assim, um objeto de estudo e material de pesquisa (Maduenho, 2010). A partir disso, as descrições científicas do processo onírico tornaram-se cada vez mais frequentes, buscando atender aos pressupostos de uma explicação causal objetiva, dentro das exigências do positivismo ascendente em tal contexto.

Nessa época, as tentativas ainda incipientes de explicação científica dos sonhos valorizavam a relação neurofisiológica que estava em vigência no período de sono, com o intuito de entender seus mecanismos e processos. Houve uma emergência crescente, como esperado, de informações acerca da biologia e neurobiologia relacionadas ao assunto. Entretanto, ainda que houvesse especulação acerca do processo de sonhar, pouquíssimos estudos estavam sistematicamente relacionados com o conteúdo dos sonhos, conforme afirma Webb (1990). O que passou a ganhar destaque e imensa repercussão, de modo paralelo, foi a concepção dos sonhos como “janelas para o inconsciente” (Junior-Adams, 1987), abrindo outro leque de visão sobre os fenômenos oníricos.

As ideias revolucionárias de Freud, por exemplo, foram de uma repercussão tão grande que seus estudos sobre o sonho ainda são motivos de muita discussão nos dias atuais. Com a publicação de “A interpretação dos sonhos”, em 1900, a psicanálise causa grande impacto com a descrição das categorias teóricas fundamentais propostas por Freud (Altman, 1971). Ao abandonar a hipnose como método de estudo, Freud descobre ser a interpretação dos sonhos “a estrada real para o conhecimento das atividades inconscientes da mente” (Freud, 1900/1969, p. 298). Usa, então, o sonho como ponto de partida para associações que conduziam às ideias inconscientes.

É introduzido, assim, um novo meio de interpretar o conteúdo dos sonhos: a decomposição em elementos dos conteúdos oníricos, e posterior aplicação da técnica de associação-livre (Forrester, 2009), na qual o paciente deve relatar o que lhe vem à mente com relação a cada elemento. Esse processo conduziria os sonhadores a fazerem uma recordação de memórias, medos e impulsos não mais acessados de forma consciente, constituindo uma grande descoberta: os sonhos poderiam ser invocados para curar feridas psíquicas que podem estar no cerne da doença mental (Junior-Adams, 1987). A interpretação dos sonhos, portanto, não consiste em uma análise do conteúdo manifesto do sonho, ou seja, dos elementos conscientes, que a pessoa pode ou não recordar

quando acorda; é, na verdade, uma análise profunda sobre o conteúdo latente, sendo este o conjunto de ideias que se associam entre si e se entremeiam no conteúdo manifesto, após a ação do trabalho onírico (Brenner, 1987).

Na formulação de sua tese, Freud ainda utilizou-se da hipótese da realização do desejo como aspecto essencial na função e formação dos sonhos. Ao fazer essa impactante afirmação, Freud se deparou, como esperado, com uma categórica refutação, como ainda vem sendo feito nos dias atuais. Para ele, entretanto, isso não constituía algo de difícil superação, devido ao fato de sua teoria não se basear nos conteúdos manifestos dos sonhos, mas sim no conteúdo dos pensamentos que o trabalho de interpretação revela estar por trás dos sonhos (Forrester, 2009). A partir da obra de Freud, várias outras interpretações surgiram, como as de Carl G. Jung, que divergiram das ideias freudianas por não generalizar todos os sonhos como tendo um cunho sexual, por exemplo. Para Jung, os sonhos eram vistos como naturais e propositados, manifestados por uma linguagem de símbolo, e sendo uma expressão espontânea e não disfarçada dos processos inconscientes (Hopcke, 2011).

Além das divergências dentro da própria psicanálise, o surgimento e desenvolvimento de outras abordagens dentro da Psicologia trouxeram diversas contribuições sobre a compreensão do processo onírico. Ainda que a psicanálise de Freud tenha inaugurado e causado uma das maiores repercussões sobre os sonhos em todos os tempos, possibilidades divergentes surgiram dentro dos meios acadêmicos. Desenvolviam-se, assim, novos referenciais teóricos e, com eles, sua maneira própria de enxergar os sonhos. Desse modo, à medida que novas visões de homem foram sendo formuladas de acordo com cada referencial, também a compreensão dos processos oníricos passou a ganhar significados diferentes. Deve-se levar em conta, ainda, que especulações sobre o tema ainda são comuns em diversos meios populares, o que aumenta ainda mais o número de teorias e formulações sobre o assunto.

Devido às grandes divergências conceituais e metodológicas existentes acerca do tema, o presente estudo pretende descrever o perfil dos trabalhos publicados referentes aos fenômenos oníricos, por meio de uma revisão da literatura no âmbito nacional. Objetiva-se, dessa forma, apresentar o que vem sendo pesquisado atualmente sobre o tema, e quais concepções são prementes dentro da produção científica atual. Além disso, há o intuito de demonstrar possíveis relações entre pontos convergentes e divergentes sobre o assunto, como forma de proporcionar uma leitura mais integradora.

MÉTODOS

O presente estudo é uma revisão integrativa que visa compilar e discutir, a partir de uma busca sistemática na literatura científica, o perfil das publicações sobre os sonhos nas diferentes abordagens psicológicas com o intuito de destacar as tendências, lacunas e potencialidades de estudos a partir da produção existente. Desse modo, partimos do pressuposto de que não é possível acessar toda a produção científica sobre um determinado tema, mas sim investigar a fundo determinadas produções presentes, por exemplo, em artigos de periódicos científicos.

Por tratar-se de uma revisão integrativa da literatura, pesquisas realizadas previamente sobre o tema foram consultadas, com o intuito de se alcançar uma visão ampliada. Para isso, as pesquisas foram feitas de acordo com a terminologia dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Os descritores utilizados foram: sonho,

análise do sonho, conteúdo do sonho, interpretação de sonhos e relato do sonho. Posteriormente, foram feitas pesquisas nas seguintes bases: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC). A escolha dessas bases está no fato de estas compilarem a maior parte da produção dos pesquisadores brasileiros, adequando-se ao objetivo da revisão, que é a de conhecer a produção nacional relacionada ao tema.

Os critérios de inclusão estabelecidos para seleção foram: artigos em Língua Portuguesa, indexados nas bases de dados consultadas, publicados entre os anos de 2001 e 2011 e relacionados diretamente ao tema dos sonhos segundo alguma abordagem psicológica. Foram excluídos trabalhos como teses, monografias, livros, capítulos de livros, dissertações, resenhas e notícias. Além disso, foram excluídos trabalhos que apenas mencionavam os sonhos de modo tangencial, não apresentando uma análise detalhada a respeito dos mesmos, ou não identificando o referencial teórico adotado. Todas as abordagens psicológicas foram consideradas na revisão, não privilegiando-se um determinado conhecimento em detrimento de outro.

Após a leitura dos registros encontrados na primeira busca com a utilização dos unitermos ($n = 176$), foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão. Os trabalhos selecionados ($n = 22$) passaram por uma nova seleção, a partir da leitura dos trabalhos completos, visando incluir apenas os trabalhos diretamente relacionados ao tema ($n = 12$). Desse modo, após esta fase, foram recuperados e analisados na íntegra apenas os estudos estritamente relacionados ao objetivo da revisão, de modo a compor um *corpus* de análise ($n = 8$). Estes estudos recuperados após a última seleção foram analisados em profundidade e categorizados em eixos temáticos a partir de seus conteúdos e enfoques, conforme será apresentado na discussão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A quantidade de estudos encontrados, selecionados e recuperados na íntegra foi organizada segundo as bases de dados consultadas, a fim de se reconhecer a origem dos artigos recuperados na revisão. Esses dados estão sumarizados na Tabela 1.

Tabela 1
Quantidade de trabalhos encontrados por base de dados consultadas

Bases de dados	Encontrados	Selecionados	Recuperados
LILACS	62	9	4
SciELO	81	10	2
PePSIC	33	3	2
Total	176	22	8

Observa-se que, apesar do grande número de artigos encontrados inicialmente, houve uma grande redução quanto ao número de trabalhos que foram selecionados. Sobre esse aspecto, é importante destacar o fato de que se encontram, em todas as bases indexadoras consultadas, diversos trabalhos com direcionamento divergente do proposto pela revisão presente, reduzindo bastante o número de trabalhos recuperados. Foram

encontrados, por exemplo, trabalhos que tratavam do termo sonho com uma conotação de expectativa, tratando do assunto em termos de aspiração. Além disso, não foram abarcados trabalhos que analisavam especificidades não propostas pelo estudo, isto é, que tratavam do fenômeno onírico, mas que não tinham o propósito de elucidar essencialmente sua concepção referente à determinado referencial teórico. Os artigos recuperados ($n = 8$) foram categorizados na Tabela 2.

Tabela 2

Estudos recuperados e organizados em termos de título, instituição de origem dos autores, autores, ano de publicação e tipo de estudo (N = 8)

nº	Título do artigo	Instituição de origem	Autores	Ano	Tipo de estudo
1	Uma análise Behaviorista Radical dos Sonhos	Universidade Federal do Pará	Francynete Melo e Silva	2000	Teórico
2	Sonho, memória e reencontro de Freud com o cérebro	Duke University Medical Center	Sidarta Ribeiro	2003	Revisão
3	Fenomenologia do onírico: a gestalt-terapia e a daseisanálise	Universidade Paulista	Ívena Pérola Amaral dos Santos	2004	Teórico
4	Os sonhos: integrando as visões psicanalítica e neurocientífica	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Elie Cheniaux	2006	Revisão
5	Sonho e alucinações visuais: Propostas fenomenológicas para sua compreensão, interpretação e intervenção psicológica	Universidade Paulista	Ívena Pérola do Amaral Santos	2006	Teórico
6	A explicação psicanalítica do mito e do sonho	Pontifícia Universidade Católica de Campinas	Antonios Terzis	2005	Teórico
7	A análise de sonhos nas terapias cognitivas e comportamentais	Universidade Católica de Goiás	Luc Vandenbergue e Artur Vandré Pitanga	2007	Teórico
8	Realizando o imaginário: da concepção sartreana sobre os sonhos à uma clínica existencial do sonhar	Faculdades Metropolitanas de Belo Horizonte	Gustavo Alvarenga Oliveira Santos	2008	Teórico

Constata-se que a maioria dos trabalhos publicados referentes ao tema são classificados como artigos teóricos, sendo seis do total da amostra. Os outros dois são artigos de revisão. Com relação ao período de publicação, observa-se que durante o ano de 2006 houve dois artigos publicados. Em relação as perspectivas teóricas e filosóficas consultadas, três dos oito trabalhos relacionam-se com o referencial psicanalítico; um com a análise comportamental dos sonhos, oriunda da visão filosófica do behaviorismo; um com a técnica cognitivo-comportamental; e quatro tendo referenciais

teóricos relacionados aos pressupostos filosóficos fenomenológicos e existencialistas. Os objetivos de cada estudo estão listados na Tabela 3.

Tabela 3

Objetivos gerais e específicos dos artigos recuperados (n = 8)

nº	Objetivo geral	Objetivos específicos
1	Apresentar a visão behaviorista radical sobre os sonhos	Analisar como se formam e qual a utilidade dos sonhos na vida cotidiana em vigília
2	Apresentar a relação entre as ideias de Freud sobre os sonhos e os achados neurocientíficos	Analisar os resultados experimentais obtidos e a relação com a ideia de “restos diurnos” nos sonhos, dada por Freud, e a aprendizagem
3	Apresentar a gestalt-terapia e a daseinsanálise enquanto abordagens possíveis no estudo dos sonhos	Trazer os principais conceitos teóricos e aplicações práticas propostas por ambas, apontando convergências e divergências
4	Realizar uma revisão sobre alguns estudos psicanalíticos e pesquisas neurocientíficas recentes	Apresentar pontos de convergência e divergência sobre dados empíricos estabelecidos e as ideias freudianas em relação ao sonhos
5	Investigar no âmbito psicológico o entendimento sobre os sonhos e as alucinações visuais	Alcançar a compreensão dos sonhos e das alucinações visuais através do método fenomenológico, buscando uma compreensão existencial dessas manifestações e possíveis intervenções clínicas
6	Compreender o mecanismo dos sonhos e compará-lo com o dos mitos	Descrever o processo de formação do sonho e compará-lo com o dos mitos, evidenciando a teoria freudiana sob os desejos reprimidos em diversas situações
7	Comparar a análise de sonhos nas terapias cognitivas e comportamentais	Apresentar as diferenças de causalidade entre as duas abordagens e estratégias que são semelhantes e úteis em ambas
8	Abordar a base teórica sartreana a respeito dos sonhos	Apresentar a concepção de Sartre a respeito dos sonhos e como a concepção de fenômeno onírico oriunda de uma base fenomenológico-existencial pode auxiliar a prática psicoterápica

Os objetivos, de forma geral, visam apresentar a compreensão realizada por cada abordagem sobre o fenômeno dos sonhos. Há também, de forma evidenciada, exceto nos dois artigos de revisão, o intuito de demonstrar a utilidade do assunto no âmbito clínico, propiciando uma visão das influências e possíveis contribuições dentro do contexto da psicoterapia.

O EMBATE ENTRE A PSICANÁLISE E AS NEUROCIÊNCIAS

De forma específica, os artigos de Ribeiro (2003) e Cheniaux (2006) se preocuparam em estabelecer relações entre as ideias freudianas e as neurociências. As grandes divergências se mostram, de fato, no modo como cada perspectiva entende fenômeno onírico. Serão apresentados, a seguir, aspectos essenciais sobre as diferentes formas de compreensão dos sonhos encontradas em cada um dos artigos. Esse aspecto é passível de observação já no estudo de Terzis (2005), que retrata, em primeira instância, a compreensão dos sonhos postulada por Freud para, posteriormente, realizar uma compreensão do fenômeno dos mitos. A análise estabelece que o material do qual se forma os sonhos é oriundo, principalmente, de desejos e sentimentos reprimidos no inconsciente. Esse material, potencialmente perigoso, teria seu estabelecimento dentro do inconsciente por meio de um processo de censura e repressão. Os sonhos teriam, assim, a função de permitir uma gratificação parcial das pulsões, por meio da descarga visual que é possibilitada nesse período. Isso porque cada sonho seria constituído, em essência, por dois níveis: o conteúdo aparente ou manifesto, que é aquele que vemos nitidamente e que geralmente recordamos; e o latente, considerado o conteúdo inconsciente, que representa uma metáfora do real conteúdo a ser apresentado. Os processos oníricos, portanto, conforme prossegue a análise de base freudiana, ocorrem devido à possibilidade manifestada de descarga de ideias reprimidas, essencialmente desejos, que são recalcados no inconsciente da vida psíquica (Terzis, 2005). A compreensão dos mitos, posteriormente, é formulada de modo semelhante.

Já Cheniaux (2006) levanta relações entre alguns achados neurocientíficos e uma das principais formulações psicanalíticas de Freud: a de que os sonhos constituem uma realização (disfarçada) de um desejo (reprimido). É apresentada no estudo a teoria de Mark Solms (2000) como uma tentativa de resgate destas hipóteses freudianas. A explanação de Solms se baseia no fato de que o sistema dopaminérgico mesolímbico-mesocortical relaciona-se aos estados motivacionais, ligados a comportamentos que buscam a satisfação de necessidades biológicas, como beber, comer e copular. Os estudos de Solms demonstraram um aumento na atividade desse sistema durante o sono, apontando a relação entre os estados motivacionais e os fenômenos oníricos. A constatação realizada, em suma, é de que as emoções experimentadas durante a vigília possuem grande influência no material dos sonhos, havendo possibilidade dos desejos se caracterizarem como conteúdos desses.

Cheniaux (2006) destaca, ainda, que a hipótese de Freud sobre a existência de uma instância censora que disfarçaria o conteúdo latente dos sonhos é insustentável. As evidências científicas demonstram que o córtex pré-frontal - necessário para a regulação de funções de disfarce dos sonhos - encontra-se inativado durante a fase do sono REM, impedindo a realização do trabalho onírico. Em síntese, a partir das apresentações de diferentes perspectivas teóricas realizadas entre o âmbito psicanalítico e neurocientífico, o artigo não propõe a defesa de nenhum argumento ou estudo, mas sim a discussão dos pontos expostos. Apresentando pontos convergentes e divergentes, portanto, o estudo propõe um maior diálogo entre as duas áreas, afirmando que “as visões de ambas acerca dos sonhos podem ser complementares e mutuamente enriquecedoras” (Cheniaux, 2006, p. 177).

Ainda em relação aos preceitos psicanalíticos de Freud e a possível relação com a neurociência, Ribeiro (2003) retrata uma revisão na qual expõe artigos empíricos que apoiam algumas hipóteses psicanalíticas, buscando integração entre as duas áreas. São

retratados, principalmente, resultados empíricos que corroboram a ideia de que os sonhos, frequentemente, contêm elementos das experiências do dia anterior, chamados por Freud de “restos diurnos”. Esses elementos auxiliariam na consolidação de memórias e no processo de aprendizagem, por meio das atividades mnemônicas de que são formados. Ribeiro (2003) apresenta, então, a noção empírica de que o sistema nervoso no estado de sono - principalmente sono REM - reativa-se de maneira a repetir padrões da atividade de vigília. Tal estado de reativação neuronal provocaria o processamento neurofisiológico de memórias recentes, os chamados “restos diurnos”, evidenciando o papel do sono e, sobretudo, dos sonhos, na consolidação de memórias (Ribeiro, 2003). Ainda que não se trate do principal postulado de Freud em relação aos sonhos, tais pesquisas corroboram a ideia da importância das experiências em vigília no sonho e a influência que esses elementos tem na consolidação de memórias e maior facilidade no aprendizado.

OS ESTUDOS COMPORTAMENTAIS E COGNITIVOS

Em contrapartida às ideias psicanalíticas de Freud, os estudos behavioristas denotam uma visão completamente diferente a respeito dos fenômenos oníricos, não relacionando-os a condições internas do organismo. Para Melo (2000), os sonhos são vistos como comportamentos privados, produto das relações entre o organismo e o ambiente. O conteúdo dos sonhos seria então, segundo a análise, aprendido no decorrer da história pessoal de cada indivíduo, sendo possível sonhar apenas com aquilo que já é conhecido para o sonhador. Dessa forma, ao ser seu conteúdo formado a partir da relação entre estímulos condicionados, discriminativos e reforçadores presentes na história ambiental do sonhador, os sonhos, em seu significado, não apresentariam nenhuma verdade ou mensagem oculta, por mais enigmático que possa parecer seu conteúdo.

De forma abrangente, portanto, os sonhos seriam produto da história filogenética, ontogenética e cultural daquele que sonha. A partir disso, o papel da privação também é valorizado no comportamento de sonhar, pois a magnitude do reforçador e o grau de sua privação podem favorecer o conteúdo do sonho com a composição de determinado tema ou objeto, uma vez que estes aspectos levariam o organismo a continuar se comportando no sonho. Assim, no empenho em visualizar o objeto do qual se está privado, compreende-se que “a frequência de uma resposta que resulta em reforço é diretamente proporcional ao grau de privação” (Silva, 2000, p. 442). Assim funciona também com as emoções, que podem ser reforçadoras quando envolvem algum tipo de prazer. Por isso, as emoções reforçadoras vivenciadas em vigília podem se tornar mais prováveis de aparecer nos sonhos. Nas palavras de Skinner, “os indivíduos estão fortemente inclinados a emparelharem-se em comportamentos que alcançam reforços” (1953/1989, citado por Silva, 2000, p. 443). Com relação à utilidade dentro da psicoterapia, o estudo afirma que o relato dos sonhos pode ser usado para que o indivíduo vivencie em vigília as emoções experienciadas, obtenha uma análise de sua conduta ao entrar em contato com contingências relevantes, e tenha maior compreensão de seus problemas no cotidiano. É de importante compreensão, portanto, que os sonhos, por si próprios, não seriam dotados de significado ou relevância, mas sim o relato verbal sobre o conteúdo sonhado, que

forneceria indícios sobre o modo do indivíduo relacionar-se com as contingências descritas.

De forma semelhante, em relação às estratégias para utilizar os fenômenos oníricos na prática psicoterápica, Vandenberghe e Pitanga (2007) apontam semelhanças e diferenças fundamentais sobre o uso terapêutico dos sonhos dentro das práticas cognitivas e comportamentais. Supõe-se, apontando a convergência entre ambos, que o processo onírico esclareça aspectos das vivências despertas do paciente, constituindo uma analogia entre os conteúdos com os quais o paciente sonha e aqueles que vivencia quando em vigília. As especificações que surgem se encontram naquilo que é classificado como causalidade, visto que o relato sobre os sonhos disporia, sob a ótica cognitiva, informações valiosas sobre os processos cognitivos que participaram da sua gênese. Dessa forma, examinar o conteúdo dos sonhos, e considerar as interpretações realizadas pelos pacientes seria uma maneira econômica de descobrir esquemas cognitivos disfuncionais, pois “os processos cognitivos utilizados pelo paciente para lembrar e interpretar os detalhes dos sonhos contém as mesmas distorções que ele usa para interpretar a realidade exterior” (Vandenberghe & Pitanga, 2007, p. 242). A partir disso, o significado dos sonhos deve ser entendido em termos do contexto de vida de quem sonha, e não em termos simbólicos. Em síntese, o trabalho de interpretação dos sonhos permitiria aos pacientes um papel criativo durante o processo de sua exploração, para entender o sentido que possuem. A partir daí, se tornaria possível conhecer e reconhecer certas crenças fundamentais e distorções cognitivas que, possivelmente, podem influenciar o cotidiano do indivíduo.

CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Santos (2008) discute o fenômeno dos sonhos sob uma visão fenomenológica e existencial. Por meio da análise de Sartre, distingue dois modos da consciência lidar com os objetos: o modo perceptual e o modo imaginante. Ao visualizar os objetos no mundo real, a consciência se utilizaria de seu modo perceptual, isto é, aquele que possibilita a aparição do objeto sob múltiplas perspectivas, e que confere à consciência intencional a possibilidade de escolha por onde se direcionar. Isso ocorre porque o objeto perceptual é sempre visto a partir de uma determinada perspectiva, ou seja, dentro do tempo e do espaço, percebido pela consciência que se dispõe a vê-los. O modo imaginante de apreender os objetos, por outro lado, possibilita a apreensão do objeto irreal que, por não ser percebido, mas sim imaginado, é apreendido de uma só vez. Isso significa que, por não possuir nem espacialidade nem temporalidade, na imagem não há parâmetros de contraste ou comparações, como no caso dos objetos percebidos. O que ocorre, dessa maneira, é que na imagem há um saber evidente e imediato (Santos, 2008).

A partir da concepção de imagem em Sartre, portanto, pode-se afirmar que o sonho não é percebido como um objeto real, mas sim como irreal e produto da consciência imaginante. Na sua atitude de negação ao mundo, a consciência imaginante cria um mundo irreal, análogo ao real como enredo, com espacialidade e temporalidade que lhe são próprias. O conteúdo, ou seja, os objetos que nos aparecem, não sendo reais, são parte da criação de um mundo orientado por um Eu-imaginário, com o qual nos identificamos. A partir disso, o terapeuta pode fazer com que o sonhador se aproxime das experiências que são manifestadas no contato com o material onírico, sendo a

análise do próprio relato uma maneira de observar elementos importantes sobre a vida do sonhador. Santos (2008) explica que a experiência da experiência, ou seja, a vivência das imagens do mundo onírico permite compreender a intenção da consciência que as criou no mundo desperto. A função do analista, nesse aspecto, é auxiliar o paciente a regredir em sua história pessoal até chegar ao sentido do seu projeto inicial, ou seja, “a base sobre a qual se assentam os outros projetos existenciais do indivíduo” (Santos, 2008, p. 244). Logo, deixar que o sonho se revele tal como é, e trazê-lo para o mundo real, segundo este autor, seria desvelar a intencionalidade contida na imaginação, equivalendo isso à descoberta de outros significados presentes na existência do sujeito.

Com uma proposta semelhante, ainda que não tratando de forma exclusiva o assunto, Santos (2006) traz também uma análise sobre os fenômenos oníricos, sob uma ótica Heideggeriana. O sonhar, no estudo, é compreendido como sendo um acontecimento pertencente à vigília, isto é, dependente da história de vida do sonhador. Sendo sujeito dos acontecimentos da vida desperta, Santos destaca que o processo de elaboração onírica é possível apenas porque a vida humana acontece de modo contínuo, inscrevendo-se o sonhar em uma acontecencialidade histórica. O sonhar, portanto, é compreendido como uma experiência que depende da continuidade histórica da vida humana, se constituindo como um acontecimento pertencente à própria experiência. A autora faz, a partir disso, a consideração de que a vivência desperta se caracteriza por uma mesmidade do mundo, que se mostra em sua cotidianidade e desdobramento na temporalidade própria do existir humano.

Os sonhos, de outro modo, não são passíveis de uma continuidade histórica como no mundo em vigília, ainda que sua constituição tenha como base materiais e significações presentes no dia-a-dia (Santos, 2006). Não havendo tal continuação, mas havendo relação entre seu conteúdo com as vivências em vigília, surge a proposta de se interpretar os sonhos a partir da história de vida desperta. Ou seja, o conteúdo do sonho estaria relacionado a algo que deve ser resolvido na própria vigília, visto que não pode ser resolvido no próprio sonhar. A partir dessa perspectiva, os sonhos podem dizer sobre “algum problema existencial que está trazendo uma estagnação no amadurecimento da continuidade histórica do ser e que, por isso, retorna” (Santos, 2006, p. 345). O significado e interpretação do sonho se dão, assim, pelas relações que são evidenciadas pelo sonhador em sua existência desperta, juntamente com aquelas que estão sendo ditas pelo seu conteúdo onírico. Em outras palavras, o conteúdo manifesto e o modo como o sonhador se relaciona com isso demonstraria toda a condição existencial da pessoa, tornando-se necessário investigar a vida interior e exterior do sonhador. Lidar com os sonhos na psicoterapia, segundo o estudo, não teria como objetivo desvelar a estrutura ou essência do sonhar, mas sim compreender o que seu conteúdo está trazendo, de modo concreto, sobre a forma da pessoa vincular-se ao mundo (Santos, 2006).

A COMPREENSÃO DA DASEINSANÁLISE E DA GESTALT-TERAPIA

A última proposta de análise está ligada à compreensão da gestalt-terapia e da daseinsanálise enquanto abordagens no trabalho clínico com os processos oníricos, tendo também como base o método fenomenológico (Santos, 2004). O autor expõe algumas visões fundamentais sobre o fenômeno onírico quando compreendido pela daseinsanálise. O sonho é compreendido, no estudo, como um modo de existência similar ao da vida desperta, pelo fato do sonhador poder intervir na situação sonhada.

Os dois estados, portanto – do sonho e da vida em vigília – constituem modos diferentes de constituir a mesma existência. Contudo, o sonhar tem especificidades em suas características, ainda que apresente “a estrutura básica inerente ao *dasein*, a saber, a espacialidade, a temporalidade, afinação e corporeidade” (Santos, 2004, p. 39).

O estudo apresenta, a partir disso, as principais distinções entre o sonhar e a vigília, sendo apontados: a menor abertura perceptiva do sonho, em oposição à vasta amplitude disponibilizada ao indivíduo quando desperto; o fato de que, no sonho, os entes apresentados são presenças concretas, de modo contrário à vigília, na qual há espaço para presenças e produções abstratas ou imaginativas; e também o fato do sonho se apresentar como uma situação estranha para o sujeito que sonha, mesmo trazendo uma condição existencial que se refira a ele (Santos, 2004).

O que se pode observar, de acordo com Boss (1979), é que o sonhador pode ser exposto a diversas significações não familiares, pela primeira vez, enquanto está inserido no processo onírico. Essas situações e significações tendem a aparecer no conteúdo do sonho quando não confrontadas na vida desperta. A tarefa dentro da psicoterapia, portanto, seria a de “convidar o paciente a visualizar essas possibilidades de vida, ainda irrealizadas, que se apresentam no sonho” (Santos, 2004, p. 39). Desse modo, por meio do relato sobre a vivência do sonho poderiam ser considerados para quais fenômenos a existência do sonhador está aberta, assim como o modo pelo o qual ele se conduz em relação ao que é apresentado. Essa maneira de lidar com os sonhos possibilitaria uma compreensão do sonhador sobre sua existência por meio da analogia realizada entre os acontecimentos no sonho e a situação que se experiencia no desenrolar da história biográfica do indivíduo. Em suma, o sonho poderia dispor, de forma ampla, sobre as possibilidades de vida do sonhador para que ele, alcançando maior clareza sobre si mesmo, escolha qual delas irá realizar (Santos, 2004).

Por fim, Santos (2004) trata também do sonho quando analisado pela Gestalt-terapia, estabelecida como uma abordagem existencial que dá importância à existência total da pessoa. A realidade humana, a partir disso, é tida como sempre sendo uma realidade total, mesmo que a experiência vivenciada seja a de uma situação específica. Por essa razão, os sonhos constituem claramente a realidade do sonhador sendo, também, caminho real para a integração do indivíduo, por meio da harmonização de todas as suas partes. Essa constatação é realizada com base na ideia de que os elementos que constituem o sonho retratam o próprio sonhador, ou seja, cada elemento constitui um fragmento de sua personalidade. Dessa forma, como afirma Santos (2004, p. 37), “a cena onírica é realizada pelo próprio sonhador como uma projeção de si mesmo”. Assim, o sonho teria como função externalizar conflitos interiores, produzidos pela alienação de aspectos da personalidade e do receio do sonhador ante a possibilidade da tomada de consciência sobre si próprio.

O conteúdo onírico então, informa sobre qual a situação de vida do sonhador e, especialmente, sobre como modificar a situação incômoda que se vivencia. A atitude de tornar-se consciente dessas partes de si alienadas, que são projetadas nos elementos dos sonhos, traz a possibilidade de mudança de vida. A função do terapeuta passa a ser a de um facilitador, que “considerando os eventos não em termos representacionais, mas sim enquanto eventos percebidos” (Santos, 2004, p. 38) – traz o sonho de volta ao presente e faz ser revivida a situação sonhada como se estivesse acontecendo no momento atual. Os gestalt-terapeutas podem utilizar-se, inclusive, da técnica de dramatização, na qual o sonhador desempenha todos os papéis que são apresentados na cena onírica (Santos, 2006). Ocorre, a partir disso, a escolha de algum elemento que pareça trazer um

significado de conflito existencial, seguido da identificação que o paciente perceberia em si mesmo com relação às qualidades daquilo que está representando – que até então eram fragmentadas de sua personalidade. Pode-se considerar, desse modo, que o sonho não é interpretado para a gestalt-terapia, pois ao invés de analisá-lo, o objetivo é trazê-lo de volta à vida como se estivesse ocorrendo no momento atual (Santos, 2006). Sua função, em suma, é apontar a dificuldade existencial presente na vida do sujeito, como parte da personalidade que lhe está faltando. A partir dessa compreensão, o encontro do paciente com aquilo que ele necessita assimilar em si mesmo se tornaria muito mais acessível e espontâneo.

SÍNTESE INTEGRADORA

Observa-se que os sonhos são abordados por todas as perspectivas teóricas como sendo algo que pode descrever ou dizer sobre aspectos da vida do sonhador. Ao se tomar a Psicologia como um ramo plural e diversificado de conhecimento, constata-se ser o estudo sobre os sonhos variável de acordo com os pressupostos filosóficos adotados por cada abordagem psicológica. O maior número de artigos teóricos encontrados no presente trabalho, inclusive, denota a variedade de princípios formulados e sistematizados a respeito do tema. Isso indica, de maneira evidente, as tentativas de responder a questionamentos essenciais a respeito do assunto, que ainda não foram totalmente desenvolvidos. Além disso, observa-se que poucos estudos empreenderam trabalhos no sentido de um diálogo entre a teoria desenvolvida e o que vem sendo encontrado dentro de pesquisas científicas. De certa maneira, isso mostra a dificuldade de se desenvolver estudos empíricos que possam investigar os fenômenos oníricos, frente a sua difícil apreensão objetiva. De todo modo, os estudos analisados possibilitam, ainda que de modo restrito, uma visão geral sobre o que é defendido e conceituado sobre o assunto dentro de cada linha teórica apresentada.

A análise das publicações possibilita, a princípio, apontar alguns elementos que tiveram convergência ou não a respeito do assunto tratado. Com relação à causalidade e função psicológica dos fenômenos oníricos, já é possível evidenciar alguns aspectos. Na análise psicanalítica freudiana, grosso modo, os sonhos são constituídos para possibilitar uma gratificação parcial das pulsões do id, por meio da descarga consciente das mesmas. Na análise behaviorista, todavia, os sonhos são formados a partir da aprendizagem do indivíduo em interação, servindo para a análise das contingências nas quais ele está inserido. A análise cognitiva se assemelha nesse aspecto, ao postular que o processo onírico esclarece pontos da vivência desperta do paciente. A divergência maior em relação às propostas comportamentais, entretanto, está em crer que os sonhos são formados por processos cognitivos, sendo sua interpretação um meio de avaliar possíveis disfunções nesse campo. De modo semelhante à perspectiva comportamental e cognitiva, a fenomenologia existencial defende que os sonhos são importantes meios de análise sobre o estado da vida em vigília. Na análise sartreana compreende-se que a vivência das experiências realizadas no sonho auxilia o indivíduo a reconhecer o sentido de seu projeto existencial, ao ampliar a compreensão sobre a consciência que as criou. O conteúdo manifesto e o modo como o sonhador se relaciona com isso demonstram, assim, a forma da pessoa vincular-se ao mundo, e remetem a outros significados presentes na existência do indivíduo. Sob a ótica de Heidegger, na qual o sonho é extensão da vigília, o conteúdo dos sonhos é formado por elementos que devem ser

resolvidos no próprio estado desperto, vistos que não podem ser resolvidos no fenômeno onírico. A gestalt-terapia assemelha-se ao considerar que os sonhos remetem a situações da vida desperta, porém leva em conta que os sonhos são gerados com a função de externalizar conflitos e o alienamento do sonhador sobre si próprio, ou seja, de aspectos fragmentados de sua personalidade. Para a Daseinsanálise, o sonho é tido como um modo de constituir a existência, de modo análogo à vida em vigília. Sua função seria, de modo geral, tornar possível a vivência de possibilidades de vida ainda não realizadas de modo concreto, mas que aparecem no sonho.

Com relação a possíveis corroborações das abordagens psicológicas com a neurociência, apenas algumas escolas foram abarcadas. Os artigos de Ribeiro (2003) e Cheniaux (2006) apoiaram algumas visões de Freud que puderam ser empiricamente demonstradas. Além dos respaldos com relação à psicanálise, a análise comportamental dos sonhos aproximou-se bastante da visão científica ao postulá-los como comportamentos privados, ainda que se pense que, devido ao estado relaxado do indivíduo, ele não possa se comportar. Silva (2000) defende que a própria neurofisiologia corrobora essa questão, após a descoberta do estado do sono REM e do fato de que nesse período há comportamento, ainda que em escala muito pequena.

Mostra-se também importante, dentre os estudos analisados, a compreensão acerca do modo como os fenômenos oníricos podem ser utilizados na prática psicoterápica. De forma geral, todas as linhas teóricas apontam que a utilização do sonho, com metodologias apropriadas e produtivas, pode auxiliar na eficácia da psicoterapia ou mesmo no aconselhamento psicológico. Entretanto, em suas especificidades, as técnicas são modificadas em função das diferentes concepções de homem que cada uma defende. Além disso, os fins de tal recurso também variam, de acordo com determinado referencial. Contudo, é importante refletir que apesar das divergências entre si, todas as abordagens consideram os sonhos como importantes referenciais sobre a vida psíquica do paciente, havendo ou não corroboração empírica. As únicas descon siderações sobre esse aspecto são encontradas nos estudos neurocientíficos, por meio da teoria de ativação-síntese de Hobson e McCarley (1977), por exemplo. Nas demais abordagens, entretanto, os fenômenos oníricos são considerados como importantes formas de se avaliar diversos aspectos da vida do paciente, constituindo-se como importantes ferramentas na compreensão do indivíduo.

Outra análise obtida está relacionada a uma das crenças mais salientadas no meio popular: a de que os sonhos possuem algum significado ou mensagem oculta. A literatura mostra que a crença na significação dos sonhos sobre esse ângulo sempre esteve presente em diversas religiões e culturas. Entretanto, ao analisarmos as correntes psicológicas retratadas, observamos que nem todas dão ênfase a esse aspecto. De todas as abordagens selecionadas, apenas a psicanálise freudiana crê serem os sonhos via de conhecimento para significados ocultos do inconsciente. Com relação a isso, é relevante apontar que nenhuma das abordagens, incluindo a psicanálise, utiliza-se de símbolos universais para representar um elemento vivenciado durante o sonho.

Considerando o movimento de integração dialético das teorias, alguns pontos podem ser levantados como potenciais espaços de diálogo a serem desenvolvidos. É possível observar, por exemplo, a convergência, não usual, de ideias behavioristas e psicanalíticas. Ao conceber as emoções como reforçadoras quando envolvem algum tipo de prazer, a análise behaviorista realizada por Silva (2000) coloca o comportamento perceptual encoberto relacionado com esse tipo de emoção no sonho como mais provável de acontecer. Nesse ponto, a consideração de Freud de que em sonhos há

possibilidade de se satisfazer os desejos, encontra semelhança com a análise behaviorista. Segundo Skinner (1953/1989), Freud conseguiu demonstrar certas relações plausíveis entre sonhos e variáveis na vida do indivíduo, uma vez que os indivíduos estão fortemente inclinados a se emparelhar em comportamentos que alcançam reforços. Também os estudos que apresentam a relação entre as vivências despertas e os restos diurnos nos sonhos podem ser expostos como ponto de um possível diálogo, uma vez que as vivências mais significativas podem se constituir como material frequente dos restos diurnos nos fenômenos oníricos.

Pode-se observar, de forma geral, que não há consenso acerca da causalidade, função e metodologia sobre o uso do sonho na prática clínica. Desse modo, ainda que se considere um avanço a separação dos sonhos aos pressupostos místicos e divinos a que estavam ligados na Antiguidade, ainda hoje não há uma completa compreensão sobre seus principais questionamentos. O tema é, assim, tratado por diversos referenciais, sendo fonte de amplas teorizações, apesar das poucas pesquisas realizadas a respeito. O sonho, assim como diversos fenômenos psíquicos, é compreendido de uma maneira divergente de acordo com cada referencial teórico. As visões formuladas sobre o assunto vão estar ligadas, de forma intrínseca, ao modo como cada abordagem concebe e enxerga o ser humano, sendo o pressuposto de cada uma delas que vai orientar a concepção estabelecida sobre os processos oníricos e sua utilização na vida em vigília.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade na compreensão dos fenômenos oníricos e a sua ampla utilização em contextos clínicos apontam a importância de pesquisas e discussões sobre o assunto. O maior número de estudos pode favorecer a sistematização dos conceitos e pressupostos que fundamentam o trabalho psicológico, evitando confusões e distorções na aplicação de técnicas e em sua interpretação. É relevante salientar também que a temática dos sonhos exige complexidade no que se refere a alguma comprovação científica, pelo fato do sonho ser um fenômeno de difícil apreensão objetiva e empírica. Na realidade, sua compreensão se mostra dependente das formulações teóricas a seu respeito. Dessa maneira, é importante lembrar que a tentativa de compreensão do fenômeno onírico está, intrinsecamente, ligada aos pressupostos filosóficos de cada teoria desenvolvida.

Sendo assim, por mais que alguns pontos sejam corroborados ou descartados pelos achados científicos, as teorizações sobre o tema são constantes e crescentes, sendo aplicadas de diversos modos no contexto psicoterápico. Isso não significa, portanto, que deva haver a intenção de afirmar verdades sobre o tema, como se devêssemos priorizar ou buscar apenas uma explicação possível para o fenômeno do sonho. Isso nos remeteria a um modelo positivista e que já não abarca as demandas da ciência considerada pós-moderna ou tardiamente moderna. Os estudos de revisão de literatura estão a serviço, inclusive, dessa pluralidade e do diálogo que não pode cessar. O que deve ser buscado, em síntese, é o reconhecimento da necessidade de se compreender visões e modos de trabalho, como forma de fomentar o diálogo e de orientar o trabalho técnico dentro da Psicologia, quer seja no plano psicoterápico ou no aconselhamento psicológico.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. M. (2009). *Sentidos da regressão: Considerações teórico-clínicas em Ferenczi, Balint e Winnicott*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Altman, L. L. (1971). *O sonho em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Brenner, C. (1987). *Noções básicas de psicanálise: Introdução à Psicologia Psicanalítica* (A. M. Spira, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Boss, M. (1979). *Na noite passada eu sonhei...* (3ª ed.). São Paulo: Summus.
- Cheniaux, E. (2006). Os sonhos: Integrando as visões psicanalítica e neurocientífica. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 28(2), 14-36.
- Freud, S. (2001). *A interpretação dos sonhos*. (W. I. de Oliveira, Trad.). São Paulo: Imago. (Original publicado em 1900).
- Forrester, J. P. (2009). *A interpretação dos sonhos: A caixa preta dos desejos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Hobson, J. A., & McCarley, R. W. (1977). The brain as a dream state generator: an activation-synthesis hypothesis of the dream process. *American Journal of Psychiatry*, 134(12), 1335-1348.
- Homrich, A. C. B. (2008). *O conceito de superego na teoria freudiana*. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Hopcke, R. H. (2011). *Guia para a Obra Completa de C. G. Jung*. (E. Orth & R. Orth, Trads.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Junior-Adams, R. B. (1987). *No mundo dos sonhos* (A. M. Quirino, Trad.). Rio de Janeiro: Abril.
- Krippner, S. (1990). *Decifrando a linguagem dos sonhos: O tempo do sonho e o trabalho com os sonhos*. (O. M. Cajado, Trad.). São Paulo: Cultrix.
- Maduenho, A. M. (2010). *Nos limites da transferência: Dimensões do intransferível para a psicanálise contemporânea*. Tese de Doutorado em Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ribeiro, S. (2003). Sonho, memória e o reencontro de Freud com o cérebro. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 25(6), 59-63.
- Santos, G. A. O. (2008). Realizando o imaginário: Da concepção sartreana sobre os sonhos à uma clínica existencial do sonhar. *Psicologia em Revista*, 14(1), 235-250.
- Santos, I. P. A. (2004). Fenomenologia do onírico: A gestalt-terapia e a daseinsanálise. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(1), 36-43.
- Santos, I. P. A. (2006). Sonho e alucinações visuais: Propostas fenomenológicas para sua compreensão, interpretação e intervenção psicológica. *Análise Psicológica*, 3(24), 343-352.
- Silva, F. M. (2000). Uma análise behaviorista radical dos sonhos. *Psicologia: Reflexão Crítica*, 13(3), 435-449.
- Skinner, B. (1989). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, Trads.). (7ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1953).
- Solms, M. (2000). New findings on the neurological organization of dreaming: Implications for psychoanalysis. *The Psychoanalytic Quarterly*, 64(1), 43-67.
- Terzis, A. (2005). A explicação psicanalítica do mito e do sonho. *Revista da SPAGESP*, 6(2), 19-27.

- Vandenberghe, L., & Pitanga, A. V. (2007). A análise de sonhos nas terapias cognitivas e comportamentais. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 24(2), 239-246.
- Webb, W. B. (1990). Perspectivas históricas: De Aristóteles a Calvin Hall. In S. Krippner. (Org.), *Decifrando a linguagem dos sonhos: O tempo do sonho e o trabalho com os sonhos* (pp. 166-174, O. M. Cajado, Trad.). São Paulo: Cultrix.

Sobre os autores

Thaís Kristine Milhorim é graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Karin A. Casarini é Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Fabio Scorsolini-Comin é Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

E-mail para correspondência com os autores: thais_milhorim@hotmail.com

Recebido: 03/05/2012
1ª revisão: 10/11/2012
2ª revisão: 08/03/2013
Aceite final: 13/05/2013